



Os irmãos Boanerges: a importância de Mc 3,17 para a compreensão da comunidade de Marcos

The Boanerges brothers: the importance of Mk 3,17 for the understanding of Markan Community

*André Valva**

Recebido em: 25/05/2023. Aceito em: 14/06/2023.

Resumo: *A perícopre Mc 3, 13-19 é significativa para a compreensão da comunidade marcana, pois nela encontra-se um qualificativo que não está nos demais Evangelhos: o autor do texto canônico afirma que Jesus chamou Tiago e João de filhos do trovão, uma tradução do aramaico Boanerges (Mc 3, 17). Assim, surge a pergunta: Por quê? Buscando esclarecer a razão dessa expressão de Jesus, as informações encontradas na literatura para explicar o uso das expressões filhos do trovão e boanerges não me parecem convincentes. Os comentadores dão informações limitadas sobre o tema. Será que Mc 3, 17 pode contribuir para compreender a cultura da comunidade marcana? Qual a intenção do autor do texto canônico em destacar esta passagem? Para encontrar respostas a esses questionamentos, o artigo inicia investigando as informações dadas por Eusébio de Cesareia sobre Pedro, Marcos, Tiago e João, em História Eclesiástica. O texto utilizado no estudo é o da Bíblia de Jerusalém e o Novum Testamentum Graece, de Nestle-Aland, além de bibliografia aditiva. O objetivo da investigação é compreender a intenção do autor do Evangelho, ao destacar o apelido de Tiago e João e a importância dele para os leitores. Simultaneamente, pretende-se conhecer e entender os elementos e símbolos culturais utilizados pela comunidade marcana. A hipótese que norteia a investigação sobre Mc 3, 17 é justamente de que o apelido Boanerges deve estar referido a símbolos culturais relevantes no contexto histórico-antropológico e social da comunidade supracitada. O artigo*

* Doutorando em Ciência da Religião (Pontifícia Universidade Católica de Goiás, PUC-GO, 2024); Mestre em Ciência da Religião (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2020); Mestre em Políticas Sociais (Universidade de Cruzeiro do Sul, UNICSUL, São Paulo, SP, 2015); Especialista em Ciência da Religião (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2016); Especialista em Ensino Religioso (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2017); Licenciado e Bacharel em História (Universidade de Cruzeiro do Sul, UNICSUL, São Paulo, 2011).

Email: andrevalva@gmail.com.





pode contribuir para propor um cenário mais realístico sobre o Evangelho de Marcos e seu contexto histórico, antropológico e social.

Palavras-chave: *Evangelho de Marcos; Boanerges; filhos do trovão.*

Abstract: *The pericope Mk 3.13-19 is significant for the understanding of the Marcan community, as it contains a qualifier that is not found in the other Gospels: the author of the canonical text states that Jesus called James and John sons of thunder, a translation of the Aramaic Boanerges (Mk 3,17). So, the question arises: Why? Seeking to clarify the reason for this expression of Jesus, the information found in the literature to explain the use of the expressions sons of thunder and Boanerges does not seem convincing to me. Commentators give limited information on the topic. Could Mk 3.17 contribute to understanding the culture of the marcan community? What is the intention of the author of the canonical text in highlighting this passage? To find answers to these questions, the communication begins by investigating the information given by Eusebius of Caesarea about Peter, Mark, James, and John, in Ecclesiastical History. The text used in the study is from the Jerusalem Bible and Nestle-Aland's Novum Testamentum Graece, plus an additive bibliography. The objective of the investigation is to understand the intention of the author of the Gospel to highlight the nickname of James and John and its importance to the readers of his text. At the same time, the aim is to know and understand the cultural elements and symbols used by the Marcan community. The hypothesis that guides the investigation on Mc 3,17 is precisely that the nickname Boanerges must refer to cultural symbols relevant to the historical-anthropological and social context of the community mentioned above. Communication can contribute to proposing a more realistic scenario about the Gospel of Mark and its historical, anthropological, and social context.*

Keywords: *Gospel of Mark; Boanerges; sons of thunder.*

Introdução

De acordo com o Novum Testamentum Graece¹, também conhecido como NA28, da Nestle-Aland, o trecho de Mc 3,17 é uma narrativa exclusiva do Evangelho de Marcos. O relato canônico diz em grego: “καὶ Ἰακωβον τὸν τοῦ Ζεβεδαίου καὶ Ἰωάννην τὸν ἀδελφὸν τοῦ Ἰακωβου καὶ ἐπέθηκεν αὐτοῖς ὄνομα[τα] Ἰβοανηργές, ὃ ἐστὶν υἱοὶ βροντῆς”; o que significa: “Não apenas Tiago, filho de Zebedeu, mas também João, irmão de Tiago, e ele os chamou de Boanerges, que significa filhos do trovão”².

As Bíblias, pelo menos em português, como a Bíblia de Jerusalém (BJ), não trazem nenhuma tradução adicional, além daquela exposta no texto canônico: Boanerges como “filhos do trovão”. No entanto, apesar

¹ NESTLE, E.; NESTLE, E. *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil; Deutsche Bibel Gesellschaft, 2012. p.111.

² Tradução do autor.



de Mc 3,17, ao longo do Evangelho, o autor não repete o apelido dado aos irmãos (Tiago e João) e não fornece nenhuma explicação adicional para a tradução, mantendo o apelido como um mistério um tanto desconectado da paisagem marcana.

Pesquisadores e comentaristas do Evangelho de Marcos, dentro do cenário brasileiro, destacam a peculiaridade e o caráter enigmático desse comentário atribuído a Jesus, uma vez que a explicação que temos hoje vem dessas pesquisas, mas não do Evangelho ou de outro texto bíblico.

Portanto, a análise de Mc 3,17 levanta mais perguntas do que respostas capazes de explicar o apelido dos filhos de Zebedeu, precisamente porque a maioria dos pesquisadores e comentaristas do Evangelho de Marcos, como ocorre nas obras literárias em português e das pesquisas realizadas no Brasil, geralmente dedicam poucas páginas de suas investigações a essa especulação sobre Boanerges. Por exemplo, algumas fontes consultadas para a investigação: Ched Myers, que se limita a comentar sobre o apelido e nada mais, passando para outras reflexões sobre as nomeações apostólicas³; James Edwards dedica apenas um parágrafo ao assunto⁴; Paul Achtemeier se concentra em outras linhas de pesquisa e não comenta o fato do apelido⁵, além de não explorar o tema em seu comentário⁶; Dom Walmor Azevedo explora outras questões teológicas e não aborda o apelido em sua obra⁷; Elizabeth Malbon estuda muito a relação entre Jesus e seus seguidores e discípulos, mas não se concentra na questão de Boanerges⁸.

Consequentemente, é razoável questionar: por que o autor do Evangelho de Marcos destacou esse apelido? Qual é a intenção do autor? O trecho (Mc 3,17) pode contribuir para a compreensão da comunidade marcana? Essas perguntas demandam uma complexa organização de

³ MYERS, C. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. p. 207.

⁴ EDWARDS, J. R. *O Comentário de Marcos*. São Paulo: Shedd Publicações, 2018. p. 158.

⁵ ACHTEMEIER, P. J. *Mark: proclamation commentaries*. Philadelphia: Fortress Press, 1986. p. 28; 108-109.

⁶ ACHTEMEIER, P. J. *Invitation to Mark: a commentary on the Gospel of Mark with complete text from the Jerusalem Bible*. New York: Image Book, 1978. p. 61-62.

⁷ AZEVEDO, W. O. D. *Comunidade e Missão no Evangelho de Marcos*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 111-113; 166-180.

⁸ MALBON, E. A. *Mark's Jesus: characterization as narrative Christology*. Waco, Texas: Baylor University Press, 2014. p. 21-56.



informações capazes de respondê-las, principalmente porque é necessário reconstruir uma estrutura simbólica social e cultural.

Assim, de acordo com o argumento de Azevedo, um texto é escrito por meio da convergência de valores, crenças e tradições de determinado grupo cultural em suas palavras, mas o texto é decodificado pelos leitores por meio de seus próprios valores, crenças e tradições. Portanto, ao responder às perguntas acima, é importante considerar quem escreveu o Evangelho de Marcos e onde foi escrito⁹. Esse ponto de vista essencialmente cultural está relacionado aos conceitos desenvolvidos por Geertz quando ele tentou chegar ao cerne da cultura islâmica, observando indonésios e marroquinos em sua estrutura social e cultural (que incluía, é claro, a perspectiva da religião)¹⁰.

De acordo com a Bíblia de Jerusalém (em sua introdução aos textos sinóticos, de acordo com a 1ª edição de 2002 e 12ª impressão de 2017, nas páginas 1689 e 1690), o Evangelho de Marcos foi escrito em Roma, datando entre as décadas de 60 e 70 EC, durante as Guerras Judaico-Romanas, e as informações do texto foram ditadas por Simão Pedro a Marcos, que era seu intérprete. A Bíblia de Jerusalém afirma que todos os seus argumentos, apresentados acima, baseiam-se nas obras de Eusébio de Cesareia¹¹.

Em seu livro “História Eclesiástica”, Eusébio¹² afirma que, de acordo com Papias de Hierápolis, uma de suas fontes, Marcos era intérprete de Pedro e o ajudou a traduzir seus discursos para um manuscrito, sem se preocupar em manter a sequência de eventos que Marcos ouviu de Pedro: “assim, ao escrever Marcos de acordo com suas memórias, ele não cometeu erros. Ele tinha o único propósito de não omitir nada do que havia ouvido, nem de acrescentar algo falso”. Seguindo essa compreensão, e assumindo-a como verdadeira, pode-se argumentar que ‘Marcos’ escreveu as palavras de Pedro, evitando incluir suas percepções dos eventos no texto do Evangelho.

⁹ AZEVEDO, 2002, p. 9-18.

¹⁰ GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015, p. 3-24; 65-92.

¹¹ VALVA, A.; ECCO, C. Hesitações e convicções na espiritualidade de Pedro: aproximações histórico-antropológicas sobre as passagens de Mt 14,22-33 e Mc 9,2-8. In: FILHO, J. R. F. M.; ECCO, C. *Espiritualidades: múltiplos olhares*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022. p. 47-69.

¹² *Ibidem*, p. 50.



Pesquisadores que defendem o ponto de vista mencionado acima costumam basear suas afirmações no uso de latinismos pelo autor da redação marcana: o uso de termos e palavras latinas como “*caeser*”, “*modius*”, “*speculator*”, “*denarius*”, “*sextarius*”, “*census*”, “*fragellare*”, “*centurio*”, “*quadrans*”, “*praetorium*”, “*legio*”, “*grabatus*” e “*vae*”¹³, se encaixa na premissa de que o autor do Evangelho de Marcos estava inserido no contexto romano, uma vez que ‘Marcos’ não tenta traduzir ou explicar o significado dessas palavras para seus leitores. Dessa forma, pode-se inferir que os leitores sabem o valor de um denário (Mc 12,15) ou quanto vale um quadrante (Mc 12,42).

Por outro lado, também há palavras que o Evangelho de Marcos traduziu para seus leitores. É possível verificar aramaísmos¹⁴, que são palavras e expressões judaicas presentes no Evangelho, com o objetivo de tornar o manuscrito compreensível, vinculando os leitores aos significados e argumentos apresentados por Marcos, como em Mc 5,41 “*Talita cum*”; Mc 7,11 “*Corban*”; Mc 7,34 “*Effathá*”; Mc 14,36 “*Abba*”; Mc 15,34 “*Eloi, Eloi, lemá sabactâni?*”. Mais uma vez, isso pode ser usado para sustentar o argumento apresentado pela Bíblia de Jerusalém, com base nas explicações de Eusébio sobre o Evangelho, conforme mencionado acima.

É oportuno ressaltar que essa teoria dos aramaísmos também é usada como argumento para localizar a redação do Evangelho na Palestina ou na região de Antioquia (apesar de existirem opiniões diferentes sobre isso, como o Norte da Palestina¹⁵, ou Síria¹⁶, ou sul da Síria¹⁷, e Antioquia¹⁸), além dos erros geográficos cometidos por ‘Marcos’ e as origens equivocadas das tradições apontadas por ele¹⁹. É importante destacar que há divergências entre os pesquisadores, e o trabalho optou por seguir o argumento apresentado pela Bíblia de Jerusalém.

¹³ IERSEL, B. M. F. V. *Mark: a reader-response commentary*. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 1998. p. 34.

¹⁴ MALBON, 2014, p. 186.

¹⁵ MYERS, 1992, p. 69.

¹⁶ ZILLES, U. *Profetas, apóstolos e evangelistas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1992. p. 75.

¹⁷ VALVA; ECCO, 2022, p. 32.

¹⁸ VAAGE, L. E. Que o leitor tenha cuidado! O Evangelho de Marcos e os cristianismos originários da Síria-Palestina. In: *Ribla*. Petrópolis, Rio de Janeiro, n. 29, p. 11-31, 1998/1.

¹⁹ MALBON, 2014, p. 186.



Dito isso, vamos assumir Pedro como a fonte histórica das informações obtidas por ‘Marcos’, que registrou suas palavras sem considerar a sequência histórica do que Pedro anunciou. Vamos também assumir que esses registros foram feitos em Roma, antes do martírio do apóstolo, durante a perseguição liderada pelo imperador Nero.

Nesse contexto, a explicação para o apelido Boanerges pode ser encontrada no próprio cenário romano. Os filhos de Zebedeu, Tiago e João, podem ter sido chamados de Boanerges, que significa “filhos do trovão”, como uma expressão simbólica ou metafórica para descrever sua personalidade ou temperamento.

A palavra “trovão” é frequentemente associada a características como poder, força, intensidade e impacto. Pode ser que Tiago e João tenham sido chamados de Boanerges devido à sua energia fervorosa, zelo, ousadia e fervor no serviço e na pregação do evangelho. Essa alcunha pode refletir sua natureza apaixonada e determinada em seguir Jesus e proclamar sua mensagem e, justamente estas características, tenham marcado os membros da comunidade marcana a ponto de identificá-los como cristãos mais fervorosos ou bélicos.

No entanto, é importante ressaltar que essa é uma especulação baseada em interpretações e inferências dentro do contexto histórico e cultural. O próprio Evangelho de Marcos não oferece uma explicação explícita para o apelido, deixando espaço para diferentes interpretações e teorias; apesar de possuir uma literatura de guerra, como menciona Eliane Pagels²⁰ em *As Origens de Satanás*, ou seja, este aspecto literário pode estar conectado com uma característica comportamental comunitária.

Em resumo, o apelido Boanerges atribuído aos filhos de Zebedeu, Tiago e João, no Evangelho de Marcos, não possui uma explicação definitiva dentro do texto canônico. É possível interpretá-lo como uma descrição simbólica de sua personalidade e fervor no serviço a Jesus, assim como este fervor de ambos pode ter influenciado um comportamento mais impetuoso e enérgico dos membros da comunidade marcana. Entretanto, essa é uma especulação baseada em inferências históricas e culturais. A pesquisa e os estudos sobre o assunto ainda estão em

²⁰ PAGELS, Elaine. *As Origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. p. 28-29.



andamento, e diferentes teorias e interpretações podem ser encontradas na literatura acadêmica.

1 Atribuição do apelido “Boanerges.

A pesquisa foi bibliográfica, partindo das informações bíblicas, conforme exposto anteriormente. Portanto, decidiu-se adotar abordagens históricas e antropológicas para os dados provenientes da Bíblia de Jerusalém. Para contrapô-las, a pesquisa trouxe conceitos importantes e investigações, dentro do cenário brasileiro, para descrever e explicar o contexto histórico e cultural do marcanismo, da Palestina e das comunidades judaicas. Conseqüentemente, os dados provenientes da Bíblia de Jerusalém foram analisados por meio de argumentos científicos e pesquisas academicamente reconhecidas, conforme aparecem no texto canônico.

Portanto, retomando o cerne do artigo e partindo de algumas premissas expostas e admitindo essas posições, com base nas afirmações de Eusébio de Cesareia, é possível iniciar as reflexões sobre Mc 3,19.

O sobrenome Boanerges é encontrado apenas no Evangelho de Marcos, e não nos outros evangelhos sinóticos, observando alguns detalhes. O primeiro detalhe é o fato de Pedro viver em Cafarnaum, onde, de acordo com Helen Bond, a população deveria ser de cerca de 600 a 1.500 pessoas²¹. Essa localização é significativa, uma vez que o Evangelho de Marcos se refere a Cafarnaum como uma “cidade” (πόλις), que, naquele contexto, representava um lugar seguro, cercado por muros, com proteção para seus habitantes e intensa atividade comercial²². Pedro era pescador e seria alguém com posses, pertencente a uma classe artesã independente, o que proporcionaria uma maior integração com as pessoas da cidade²³. Como eles não são trabalhadores diários e comparando o perfil dos primeiros seguidores selecionados, Pedro seria um homem de “negócios astutos e bem-sucedidos”²⁴.

Devido a essas características (o número de habitantes e a atividade profissional de Simão), é possível que Pedro conhecesse as pessoas de

²¹ BOND, H. K. *The Historical Jesus*. New York, United States: T&T Clark, 2012. p. 113.

²² AZEVEDO, 2002, p. 102-105.

²³ MYERS, 1992, p. 172.

²⁴ EDWARDS, 2018, p. 80.



vista ou pela reputação que tinham. Consequentemente, é plausível que Pedro conhecesse Zebedeu, Tiago e João, já que estes não deveriam ser pobres, uma vez que o texto marcano afirma que eles tinham servos (Mc 1,20). De acordo com o Evangelho de Lucas (5,10), Simão, Tiago e João são companheiros e a Bíblia de Jerusalém, em suas notas de rodapé, destaca que a compreensão pode ser de que eles seriam sócios, o que fortalece a teoria do “conhecimento”.

Ao analisar o texto marcano, Mc 2,14 apresenta uma situação que pode reforçar essa ideia de “conhecimento” de Pedro sobre os habitantes de Cafarnaum: o editor de Marcos afirma que Jesus “ao passar, viu Levi, filho de Alfeu, sentado no posto de cobrança, e disse-lhe: ‘Segue-me’. E ele, levantando-se, seguiu-o.” Levando em consideração que ‘Marcos’ escreveu o que Pedro narrou, o texto marcano é o único que apresenta Simão reconhecendo esse novo seguidor de Jesus por sua ascendência, “filho de Alfeu” (*Λεβὶν τὸν τοῦ Αλφαίου*)²⁵.

Seguindo essa linha de raciocínio, a maneira como o autor de Marcos relata a escolha dos irmãos Boanerges reforçaria a ideia de conhecimento e que ‘Marcos’ escreveu o que ouviu de Pedro: em Mc 1,19, aparece: “Andando um pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão [...]”. O pronome ‘seu’ sugere que ‘Marcos’ escreveu o relato de Pedro sobre a situação. Se compararmos com o texto de Mateus e Lucas, a diferença é percebida (Mt 4,21): “Continuando a andar, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João [...]”; (Lc 5,10) “e também de Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram companheiros de Simão”. Sobre o pronome, se realizarmos a análise a partir dos textos em grego, a conclusão é a mesma: Mateus usa o mesmo pronome que Marcos; no entanto, ele menciona “dois irmãos” antes de nomeá-los; isso poderia ter sido um mecanismo linguístico para introduzir dois novos personagens que os leitores não saberiam que são parentes. Isso pode sugerir que o restante do trecho (Mt 4,21) seria uma cópia do texto marcano, uma vez que ambos usam as mesmas palavras (*Ἰωάννην τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ*)²⁶ e tendo em mente que o Evangelho de Marcos é caracterizado por esses recursos textuais, como no caso de Simão, presente em Mc 1,16²⁷.

²⁵ NESTLE; NESTLE, 2012, p. 108.

²⁶ *Ibidem*, p. 9.

²⁷ *Ibidem*, p. 104.



Como primeiro detalhe, é possível e plausível que Pedro conhecesse Tiago e João e, principalmente, que seu relato tenha sido transmitido ao autor do Evangelho de Marcos. Com base nos dados e argumentos apresentados acima, mesmo Boanerges aparecendo apenas em Marcos, esse apelido não deve ser uma invenção da igreja primitiva, mas, segundo Meier, deve ser um posicionamento que vem de Jesus. Por esse motivo, é plausível que Pedro tenha narrado essa situação a ‘Marcos’, que a incorporou em sua escrita²⁸.

Assim, a partir de um estabelecimento teórico da factualidade da passagem de Mc 3,17, é necessário focar no ato relatado: a atribuição do apelido, por Jesus, aos irmãos Tiago e João, o que nos leva ao segundo detalhe para explicar e entender o apelido. Essa perspectiva considera que os personagens envolvidos no episódio se conheciam, exceto Jesus. Edwards (2018) e Meier (2003) discutem, em suas obras, a possibilidade de Pedro e André já serem familiares de Jesus, mesmo antes do chamado para segui-lo, como sugere o Evangelho de João (1,35-42).

2 Zebedeu, Tiago e João

Zebedeu aparece no Evangelho de Marcos como pai de Tiago e João. No entanto, é pertinente situá-lo na discussão devido à importância de sua atividade para o contexto de Jesus e, conseqüentemente, para o contexto marcano.

Zebedeu era um pescador e empresário em uma cidade helenizada no norte da Galileia, com intensa atividade comercial²⁹, considerando o número de moedas tirianas encontradas no território galileu, especificamente em Cafarnaum – o que permite inferir que a piscicultura judaica era exportada para a Síria com certa regularidade. Horsley dedica um capítulo para investigar as moedas (economia e mercado) circulantes na Galileia. Ele acredita que, além do comércio como resposta “simples e direta”, as moedas tirianas deveriam ser o instrumento de troca ou transações financeiras diárias em toda a Palestina, ao contrário das moedas romanas, que seriam usadas para pagar impostos ou para relações comerciais com

²⁸ MEIER, J. P. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus histórico*. Volume 3, Livro 1. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p. 226.

²⁹ EDWARDS, 2018, p. 84.



os romanos³⁰. Como mencionado anteriormente, em Marcos 1,20, o autor do texto canônico indica que Zebedeu tinha servos; essas moedas, tanto tirianas quanto romanas, também poderiam ter sido usadas para pagar seus servos locais ou como pagamento de comerciantes estrangeiros.

Alicia Batten, por sua vez, chama a atenção para o fato de que de 95% a 99% da população do Império Romano no primeiro século d.C. vivia em condições miseráveis e dependia de algum tipo de patrono para sobreviver, o que contrasta com a família de Zebedeu³¹. Ele e sua família faziam parte de uma parcela extremamente pequena (entre 1% e 5%) da sociedade, o que pode demonstrar que Zebedeu, Tiago e João eram conhecidos no ambiente em que viviam. Esse último ponto destacado merece atenção, pois Zebedeu seria uma pessoa importante e conhecida em sua comunidade, ou seja, recrutar seus filhos como seguidores e promotores de um líder carismático seria uma jogada brilhante para promover um novo movimento religioso.

Tiago, filho de Zebedeu e Salomé (O autor do Evangelho de Mateus afirma que Salomé, a mesma que aparece em Mc 15,40, é a mãe dos filhos de Zebedeu), também é conhecido como Tiago, o Maior (por ser o mais velho), para distingui-lo dos outros Tiagos presentes no Novo Testamento, é um personagem enigmático e há poucas informações sobre sua vida³². Sabe-se que ele morreu pela espada de Herodes Agripa I, em 44 d.C., fato relatado em Atos 12,1 e seguintes. De acordo com Meier (2003), a partir do século VI ou VIII, a tradição cristã começou a vinculá-lo ao trabalho missionário na Espanha, passando a identificá-lo como ‘Santiago’.

Sobre sua morte, esse martírio está relacionado a algumas promessas de Jesus presentes em Marcos; por exemplo, quando Jesus (Mc 8,35) afirma que quem morrer em seu nome ou em nome do Evangelho ganhará a salvação; ou quando Jesus expõe que seus seguidores – para estarem ao seu lado na eternidade – compartilham o mesmo sofrimento e o mesmo fim dele.

³⁰ HORSLEY, R. A. *Arqueologia, História e Sociedade na Galileia: o contexto social de Jesus e dos rabis*. São Paulo: Paulus, 2000. p. 66-83.

³¹ BATTEN, A. Brokerage: Jesus as social entrepreneur. In: NEUFELD, D.; DEMARIS, R. E. *Understanding the Social World of the New Testament*. Abingdon, England: Routledge, 2010. p. 167-177.

³² MEIER, 2003, p. 225.



Um fato curioso sobre Tiago e as promessas de Jesus é o momento da prisão deste último (Mc 14,43-52). Quando Jesus seria preso, ‘Marcos’ relata que um dos presentes (ou Pedro, ou Tiago, ou João, não especifica quem) atacou o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha. No entanto, Mateus (26,52) retrata que Jesus alerta e adverte o atacante, explicando que “aqueles que pegarem na espada pela espada perecerão”. Seria o aviso uma prefiguração de Tiago? Como John Meier (2003) gosta de escrever, essas são apenas conjecturas, mas a pesquisa bíblica, muitas vezes também inclui conjecturas em sua argumentação!

João, irmão de Tiago, filho de Zebedeu e Salomé, é um personagem cujas informações são mais conhecidas pelos pesquisadores. Assim como Tiago, também existem vários Joãos no Novo Testamento e, às vezes, a tradição os confundiu com outros Joãos (incluindo o Batista)³³.

John Meier levanta a questão de que, na tradição cristã, João, filho de Zebedeu, reúne cinco personagens diferentes, o próprio ‘João’, a saber: (I) João, filho de Zebedeu; (II) o discípulo anônimo a quem Jesus amava; (III) o autor anônimo do quarto Evangelho; (IV) o autor anônimo das três epístolas que levam o nome de João e (V) o vidente apocalíptico que se identifica como João. Portanto, ‘João’ é um personagem importante no universo cristão³⁴.

Em relação à missão dada por Jesus, relatada em Mc 6,6b-13, João sempre aparece próximo a Pedro, tendo trabalhado com ele em Samaria. Paulo o destaca como uma das colunas da comunidade cristã incipiente em Jerusalém: “E reconhecendo a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram considerados colunas, me deram as mãos...” (Gl 2,9), onde permaneceu até a reunião de Jerusalém, por volta de 49 d.C. Após essa reunião, “não temos conhecimento algum sobre sua vida e destino”³⁵.

Os estudiosos não acreditam que João tenha sido martirizado, como seu irmão, mas que viveu até uma idade avançada³⁶. Segundo Eusébio de Cesareia, João, “que se inclinou sobre o peito do Senhor, foi sacerdote e usava a placa de ouro, foi mártir e mestre; seu corpo repousa em Éfeso” (III, 31.3).

³³ CULPEPPER, A. R. *John: the son of Zebedee, the life of a legend*. Minneapolis: August Fortress Publishing, 2000. p. 107-250.

³⁴ MEIER, 2003, p. 227.

³⁵ *Ibidem*, p. 232.

³⁶ *Ibidem*, p. 232.



Diante do problema exposto sobre Zebedeu, Tiago e João, e das reflexões e resultados obtidos, pode-se concluir que a família de Zebedeu era financeiramente próspera e que deveria ser conhecida pelas atividades de piscicultura que desenvolvia – desfrutando de boa reputação entre as pessoas da cidade –, sendo que Tiago e João seguiram Jesus, cumprindo o que lhes foi confiado por ele. Se, em algum momento, os outros apóstolos (exceto Tiago e João), seus seguidores e suas comunidades subsequentes tivessem percebido a falta de compromisso ou devoção ao trabalho missionário de Tiago e João, seus legados não estariam enraizados nas tradições católicas como estão³⁷. Assim, por intermédio das narrações de Pedro, a comunidade marcana pode ter incorporado essa energia, devoção e impetuosidade (características de Tiago e João) às suas atividades sociais, sendo retratadas na redação do cânon marcano.

Concluindo sobre a boa reputação, característica de Zebedeu, e uma das justificativas sobre sua riqueza, é uma inferência baseada na lógica do mercado, como destacado por David Fiensy³⁸: a prosperidade dos negócios – na Palestina romana – era uma questão de credibilidade e confiança, devido às oportunidades que os mais ricos ofereciam aos camponeses de suas regiões (o que seria a lógica do empregador³⁹). Essa posição será retomada posteriormente para extrair algumas reflexões.

3 Analisando o apelido ‘Boanerges’.

Diante das reflexões mencionadas acima, pode-se concluir que o relato de Simão Pedro a ‘Marcos’ e sua formulação presente no livro canônico é factível e plausível; ele também teria testemunhado Jesus nomeando seus companheiros Tiago e João e provavelmente conhecia a família de Zebedeu. Portanto, a questão que surge é: por que Pedro relatou a cena em que Jesus chamou os irmãos de “filhos do trovão”? Seria um apelido perigoso e passível de interpretação equivocada pelas pessoas?

Pela proposta analítica da teoria do constrangimento⁴⁰, essas não são questões vazias, uma vez que nem Mateus nem Lucas (Evangelhos

³⁷ *Ibidem*, p. 233.

³⁸ FIENSY, D. A. Ancient economy and the New Testament. In: NEUFELD, D.; DEMARIS, R. E. *Understanding the Social World of the New Testament*. Abingdon, England: Routledge, 2010. p. 194-206.

³⁹ BATTEN, 2010, p. 167-177.

⁴⁰ WALLACE, D. B. Crítica textual e o critério de constrangimento. In: BOCK, D. L. *O Jesus histórico: critérios e contextos no estudo das origens cristãs*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 106-108.



escritos após a redação de Marcos) exploram a passagem em seus textos. Poderia ser que esses últimos dois evangelistas temessem que seus leitores mal interpretassem o que os redatores disseram sobre Jesus?

Ao comparar alguns trechos de Marcos com os outros textos sinóticos, é possível perceber algumas diferenças sutis. Em Mc 1,32-34, o autor relata que todos os doentes e endemoninhados de uma cidade buscaram Jesus para serem curados. No entanto, Jesus “curou muitos que estavam doentes, de várias doenças” (Mc 1,34), mas ele não curou a todos. Em Mt 8,16⁴¹, o evangelista afirma que Jesus “expulsou os espíritos e curou todos os enfermos”; Lucas também afirma que “todos os que tinham enfermos com várias doenças os trouxeram, e ele, impondo as mãos sobre cada um deles, os curou” (Lc 4,40)⁴². Pode-se observar que os evangelistas têm compreensões diferentes sobre a extensão do poder de Jesus, ou pelo menos que Marcos tem uma compreensão mais mundana da autoridade divina de Jesus do que Mateus e Lucas. Conforme argumenta Daniel Wallace, esse é um exemplo de como a teoria da restrição pode contribuir para esclarecer a ordem cronológica da elaboração dos textos sinóticos, mas também pode ajudar a entender as respectivas comunidades sinóticas e os autores das redações (neste caso, do livro de Marcos)⁴³.

Dentro dessa perspectiva, é válido questionar a razão pela qual o apelido não está presente no texto de Mateus e Lucas. A exclusão do apelido pode estar relacionada ao suposto constrangimento que ele poderia causar nas comunidades mateana e lucana. De alguma forma, os autores dos textos canônicos consideraram o apelido perigoso, ofensivo, constrangedor ou inadequado para reproduzir esse fato (a atribuição do apelido), por isso o excluíram de suas narrações, assim como corrigiram as várias curas de Jesus, no exemplo mencionado anteriormente: seria prudente apresentar o Messias, Filho de Deus, que correspondesse ao que Mateus e Lucas pregavam, e não o Messias autoproclamado, que não pudesse curar tudo o que lhe era pedido.

Além do constrangimento apresentado acima, ao analisar o simbolismo cultural⁴⁴, “filhos do trovão” poderia estar associado às religiões gregas ou romanas, uma vez que essas eram o contexto cultural até mesmo

⁴¹ NESTLE; NESTLE, 2012, p. 21.

⁴² *Ibidem*, p. 195.

⁴³ WALLACE, 2020, p. 103-140.

⁴⁴ GEERTZ, 2015.



do Evangelho de Mateus e do Evangelho de Lucas; mas, é importante salientar que Marcos é escrito também em Roma, porém sua fonte de informações (Pedro) era oriunda de um contexto judaico. Essa conexão, com as religiões greco-romanas, não seria impossível, considerando que estudiosos e comentaristas dos livros de Mateus e Lucas afirmam que ambos foram escritos para um público greco-romano mais do que para um público judeu; uma vez que o apelido poderia de alguma forma simbolizar Zeus ou Júpiter (deuses do trovão nas religiões grega e romana, respectivamente): metaforicamente deuses pagãos subordinados a Jesus.

Para demonstrar como esse simbolismo poderia ser viável, Van Iersel, um dos defensores dessa posição, relaciona a maneira como ‘Marcos’ descreve os irmãos ao conto mitológico de Castor e Pólux⁴⁵: o Evangelho apresenta Tiago como filho de Zebedeu, mas João é o irmão de Tiago, ou seja, seria possível inferir que eles são irmãos pelo lado materno, mas não pelo mesmo pai, uma vez que os irmãos são sempre colocados na ordem: primeiro Tiago e depois João. Dos quatro primeiros relatos, três deles têm o formato “Tiago, filho de Zebedeu” e “João, irmão de Tiago” (Mc 1,19; 3,17; 5,37); após essa “apresentação”, eles são mencionados juntos, sem complementos: “Tiago e João” (Mc 1,29; 9,2; 10,35; 10,41; 13,3; 14,33). Castor e Pólux são gêmeos e filhos de pais diferentes (um humano e Zeus, respectivamente). Pólux tinha imortalidade e o Olimpo como seu destino, enquanto Castor poderia ser enviado ao Hades, uma vez que era humano. Então, para satisfazer a ambos, eles chegaram a um acordo e passaram metade do ano no Olimpo e metade no Hades. Para Van Iersel, esse conto mitológico é semelhante à história de Tiago e João (ou o apelido de Tiago e João se referiria a essa passagem mitológica)⁴⁶, uma vez que um foi martirizado, enquanto o outro se tornou líder da igreja e uma figura proeminente em Jerusalém e no mundo grego (Éfeso).

Retomando a ideia de que os textos de Mateus e Lucas são destinados a leitores de cultura grega ou romana, ainda é possível fazer algumas observações. Segundo Ched Myers, Simão, Tiago e João formam o círculo íntimo dos discípulos de Jesus (Em quatro ocasiões, ‘Marcos’ coloca os três companheiros (Pedro, Tiago e João) juntos). Eles acompanham Jesus na cura da filha de Jairo (5,37), no momento da transfiguração (9,2), quando estão sentados no Monte das Oliveiras conversando (13,3) e no Getsêmani, enquanto Jesus ora, momentos

⁴⁵ IERSEL, 1998, p. 166.

⁴⁶ *Ibidem*, p. 166.



antes de ser preso (14,33)⁴⁷ e, portanto, foram destacados no momento do recrutamento: Simão tornou-se Pedro, e Tiago e João tornaram-se Boanerges, ou seja, ‘filhos do trovão’⁴⁸.

Tiago e João, segundo Culpepper, também receberam o apelido de ‘filhos do trovão’, como ilustração da missão que teriam no ministério de Jesus, assim como Pedro⁴⁹. Ambos desempenharam um papel fundamental na missão de difundir as palavras e os ensinamentos de Jesus; Tiago, além dessa missão, tornou-se um mártir e exemplo do cumprimento das promessas de Jesus; João estabeleceu a comunidade cristã incipiente em Jerusalém e os ensinamentos de Jesus em um momento valioso de turbulência religiosa e sociopolítica. Meier aponta que esses significados estão alinhados com um sentido mais amplo de Zelotes⁵⁰, uma corrente de compreensão defendida por alguns pesquisadores. Portanto, por que não chamá-los de Zelotes, assim como o apelido atribuído ao outro Simão, o Zelote, em Mc 3,18?

Considerando que a audiência de Pedro e os leitores de ‘Marcos’ eram romanos, alvos dos atos violentos dos Zelotes e Assassinos, numa tentativa de libertar os judeus da dominação latina, é compreensível que o autor do livro marciano não identificasse muitos discípulos de Jesus como membros desses grupos, fato que poderia levantar suspeitas para a comunidade marciana, para seu texto e para seus leitores. Além disso, esses romanos seriam cristãos, religiosidade extremamente perseguida no Império Romano sob liderança de Nero. Portanto, a comunidade de Marcos seria composta de pessoas perseguidas ou por serem romanas ou por serem cristãs; o que pode ter conduzido-os a adotar um comportamento rude, cético e colérico em relação às demais comunidades que permeavam suas realidades.

Conforme referenciado por Wallace, com dúvidas sobre o impacto de algumas passagens, palavras e expressões presentes em Marcos, como no caso de Boanerges, Mateus e Lucas omitiram essas declarações de seus ensaios⁵¹, inclusive por estarem em outros contextos socioculturais.

⁴⁷ NESTLE; NESTLE, 2012, p. 164.

⁴⁸ MYERS, 1992, p. 207.

⁴⁹ CULPEPPER, 2000, p. 9-15.

⁵⁰ ASLAN, R. *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 75.

⁵¹ WALLACE, 2020, p. 109.



Em resumo, o apelido de Jesus para os irmãos Tiago e João pode ser entendido como um constrangimento para os editores dos textos sinópticos, que utilizaram Marcos para compor seus ensaios. Por esse motivo, é importante analisar o apelido de forma exegética, buscando outras respostas para perguntas que ainda precisam de explicação: por que Pedro relatou a cena em que Jesus chamou os irmãos de “filhos do trovão”? Por que o autor do Evangelho de Marcos destacou esse apelido? Essa passagem, Mc 3,17, poderia ajudar a entender a comunidade marcana?

John P. Meier explica que *boanē* pode ser o equivalente, em aramaico, de *bēnē*, “filhos de”, o que confirmaria a tradução sugerida por ‘Marcos’. A primeira metade da palavra parece ser um terreno comum entre os estudiosos. A divergência aparece na segunda metade: Meier apresenta algumas variantes da raiz semítica – *rges*, que são traduzidas de diversas maneiras: *rgš* (“comoção”, “tumulto”); *rgz* (“raiva”, “irritação”, “agitação”, “excitação”); *r š* (“abalar”, “vibrar”); *r m* (“trovão”)⁵²; as traduções diferem, de acordo com a raiz trabalhada por cada exegeta e pesquisador. Assim, existem comentaristas⁵³ que, como (EDWARDS, 2018, p. 158), afirmam que Boanerges sugere algo como “os barulhentos” ou “o par colérico”⁵⁴.

O site Abarim Publications (2021)⁵⁵ sugere outras explicações. Para o autor do texto eletrônico, o significado seria algo como “agindo como bois”. O texto argumenta que a raiz greco-latina *bo* (rugir), ou o substantivo *bos* (boi), estão conectados a outro substantivo, energia. O site alega que o autor de Marcos não soube interpretar corretamente a palavra hebraica para trovão (ra’am – רעם), tendo trocado a letra ם (mem final, que corresponde ao M) pela letra ם (sameque, que corresponde ao S), além de não saber transliterar corretamente benay ra’am, alegando ser “filhos do trovão”. Portanto, Boanerges seria uma palavra de origem greco-romana, e não aramaica, como afirmado por Mc 3,17, seria a combinação de *βοα*, ou *βοαω*, ou *βοη* (grito, grito) e *ενεργια* (atividade, operação). De certa forma, mesmo propondo outra maneira de entender o apelido, o site também conclui que Boanerges se refere às características emocionais ou personalidades dos irmãos Tiago e João.

⁵² MEIER, 2003, p. 227.

⁵³ EDWARDS, 2018, p. 158.

⁵⁴ MEIER, 2003, p. 226.

⁵⁵ BOANERGES meaning. Abarim Publications, 2014. Disponível em: <https://www.abarim-publications.com/Meaning/Boanerges.html>. Acesso em: 12 mar. 2022.



Com isso, pode-se inferir que as abordagens de Meier (2003) possuem melhor sustentação, pois ‘Marcos’ traduz para o grego um termo em aramaico; se *Boanerges* teve uma epistemologia grega, não haveria a necessidade de tradução por parte do autor canônico.

De acordo com NA28⁵⁶, os códices que apoiam a expressão aramaica, ou mesmo o trecho do texto (Mc 3,17) (Considerando pequenas alterações, como ῥονομα B D 28 sy^p bo^{ms}, esse trecho é confirmado pelos códices: Ⲛ, A, C, K, L, Γ, Δ, Θ, f¹⁻¹³, 33., 565., 579., 700., 892., 1241., 1424., 2542 e ℳ, bem como nas versões latina ou siríaca; sendo o primeiro – Ⲛ (Códice Sinai) – o mais antigo, datado de aproximadamente 330 EC (a datação se refere ao primeiro grupo de textos desenvolvidos, 1Ⲛ) (p. 60)), são datados do século IV EC, aproximadamente 400 anos após a elaboração do Evangelho de Marcos. Assim como Meier (2003), outros acadêmicos acreditam que o significado original da expressão se perdeu ao longo do tempo, ou que não há uma maneira clara de ter uma imagem precisa de como as informações foram transmitidas ao longo do tempo, a partir do original⁵⁷.

4 Afinal, por que Boanerges?

As exegeses sugerem que Boanerges refere-se a traços de personalidade dos filhos de Zebedeu, que seriam irados, coléricos ou agiriam de forma intempestiva. Um dos argumentos a esse respeito é Mc 9,38-40, trecho que relata João falando com Jesus e o alertando para impedir que uma pessoa expulse demônios em seu nome sem segui-lo, o que fez Jesus repreender João⁵⁸. Meier apresenta outro argumento, usando Lc 9,51-56, onde, devido à má recepção das pessoas de um vilarejo na Samaria, Tiago e João sugerem destruir o local, desde que Jesus consinta; este, por sua vez, os repreende⁵⁹. Por fim, a passagem em que Tiago e João pedem um favor a Jesus (Mc 10,35-40) é outro argumento: os irmãos pedem a Jesus que aceite seu pedido sem saber o conteúdo, o que ele recusa; assim, eles pedem para estar com Jesus na vida após a morte. Jesus adverte que isso requer sacrifícios e que não está em sua competência decidir sobre essa questão.

⁵⁶ NESTLE; NESTLE, 2012, p. 112.

⁵⁷ ANGLADA, P. R. B. *Manuscritologia do Novo Testamento: história, correntes textuais e o final do Evangelho de Marcos*. Ananindeua: Knox Publicações, 2014. p. 20.

⁵⁸ EDWARDS, 2018, p. 158.

⁵⁹ MEIER, 2003, p. 235.



Os argumentos expostos convencem parcialmente o leitor do Evangelho sobre a impetuosidade ou a ira dos irmãos Tiago e João, tendo em Mc 9,38-40 um exemplo desta personalidade forte dos irmãos Boanerges. Tiago e João pertenciam a uma família rica e rural, cuja organização estava ligada ao local de trabalho (no caso de ambos, no lago de Genesaré). Os laços familiares eram profundos, dependentes social e economicamente. Portanto, seguir Jesus não poderia ter sido uma separação fácil, e pode-se imaginar que isso deve ter causado controvérsias entre os membros da família⁶⁰.

Deixar seu lugar, suas origens – como fizeram Tiago e João, Simão e André – era algo culturalmente incomum. O autor do Evangelho relata Jesus constituindo uma “nova família” com aqueles que decidiram romper com as tradições culturais vigentes. Portanto, a irritação de João – e possivelmente de Tiago, Simão e André – com alguém que não os segue e é capaz de realizar milagres em nome de Jesus é pertinente.

Em relação ao argumento baseado em Lc 9,51-56, as mesmas questões socioculturais podem permear uma explicação plausível: Tiago e João viraram seus mundos de cabeça para baixo e tiveram uma atitude incomum ao deixar suas famílias. Assim, eles não entendiam por que aquele vilarejo na Samaria não compreendia o significado de suas atitudes e pediram a Jesus permissão para fazer o que este lhes havia confiado como missão em Mc 6,11: “E se algum lugar não os receber e não os ouvir, saiam dali e sacudam a poeira dos seus pés como testemunho contra eles”⁶¹.

O pedido dos irmãos encontra respaldo nas palavras de Jesus. Para construir essa inferência, leva-se em consideração a constante falta de compreensão, por parte dos apóstolos, sobre os ensinamentos de Jesus. O Evangelho de Marcos é particularmente repetitivo ao expor essa peculiaridade da relação do Messias com seus doze seguidores mais próximos. ‘Marcos’, além de mostrar como os discípulos não entendiam Jesus, também mostra como o Messias ficava incomodado com a falta de iniciativa e aprendizado de seus seguidores mais próximos. Em relação à não compreensão da mensagem de Jesus, pode-se destacar a parábola do semeador (Mc 4,1-29), onde Jesus fica surpreso com a falta de entendimento da mensagem, o que o leva a explicar a parábola a seus apóstolos.

⁶⁰ MYERS, 1992, p. 172-173.

⁶¹ NESTLE; NESTLE, 2012, p. 124.



Sobre a falta de iniciativa e aprendizado, pode-se destacar a cura da mão ressequida (Mc 3,1-6), onde Jesus estava ensinando sobre o sábado e faz uma pergunta aos discípulos, que permanecem em silêncio por não saberem a resposta. Então, Jesus se ira com todos e se entristece (a NA28 usa *ὀργή*⁶², que deve ser traduzido como ira, fúria, indignação⁶³). Sobre a relação difícil, é possível destacar a demanda dos discípulos por um milagre de Jesus durante a tempestade (Mc 4,35-41), ou a cura da hemorroísa (Mc 5,25-34), quando Jesus faz uma pergunta a seus seguidores, e eles reclamam da pergunta feita pelo mestre. Esses são alguns exemplos de como era conturbada a relação com os discípulos. De qualquer forma, o que se pode aludir é que os irmãos Tiago e João não estavam com raiva e não agiram fora de tempo, mas exigiram uma posição de Jesus, de acordo com o sacrifício que fizeram, ao deixar suas casas, suas famílias e suas vidas para segui-lo.

Essa colocação se conecta ao terceiro argumento apresentado, Mc 10,35-40. Para ambos os irmãos, pedir a Jesus para permanecer ao seu lado na vida após a morte não teria sido algo constrangedor, como afirmam Edwards⁶⁴ ou Meier⁶⁵, algo que beira o orgulho, ou como se Tiago e João se achassem melhores que os outros. Talvez eles tivessem em mente uma recompensa adequada pela renúncia que empreenderam. Nesse ponto, vale lembrar que, assim como Tiago e João, Simão Pedro e André também deixaram suas casas para acompanhar Jesus. Pedro questiona o messias sobre as recompensas que virão por aceitar tal renúncia (Mc 10,28-31). Solicitar uma contrapartida não era algo constrangedor para Pedro, Tiago ou João, mas uma consequência cultural, considerando as particularidades do entendimento de “família” na Palestina da época.

Com base nessas afirmações, é plausível que o apelido Boanerges, dado a Tiago e João por Jesus, seja uma referência à renúncia que fizeram e ao anúncio que fizeram sobre sua saída do núcleo familiar para seguir Jesus. Esse ponto precisa ser considerado, uma vez que, na antiguidade, o núcleo familiar era responsável por criar, transformar e estabelecer as interações dos indivíduos com a sociedade e a realidade em que se encontravam, por meio de viés econômico, social, cultural,

⁶² Ibidem, p. 111.

⁶³ MURAOKA, T. *A Greek-English Lexicon of the Septuagint*. Louvain, Paris: Peeters, 2009. p. 639.

⁶⁴ EDWARDS, 2018, p. 402.

⁶⁵ MEIER, 2003, p. 225.



religioso e educacional. De acordo com Malina, a perda desses laços era a pior coisa que poderia acontecer a alguém⁶⁶. Nos casos de Tiago e João, sem mencionar os casos de Simão, André e Levi, essas perdas foram voluntárias: eles romperam não apenas com os laços familiares, mas também com seus laços culturais, sociais e até profissionais.

Essa deve ter sido uma decisão que caiu como um raio na família de Zebedeu e deve ter causado muito “barulho” nas imediações onde Tiago e João viviam. Essa conjectura pode lançar luz sobre uma explicação para atribuir o apelido aos irmãos, uma vez que, após o episódio de recrutamento, Jesus teve a oportunidade de observar seus seguidores em momentos em que precisaria de pessoas capazes de ajudá-lo com as multidões, como demonstrado em Mc 3,7-12. Mesmo que ‘Marcos’ não tenha relatado, é possível que tanto Tiago quanto João tenham agido firmemente para conter as pessoas e controlá-las, para que Jesus pudesse cumprir sua missão.

Essas perspectivas levam à reflexão sobre Mc 3,17, para a compreensão da comunidade marcana. O sobrenome Boanerges pode não acrescentar entendimentos profundos e revolucionários sobre a comunidade marcana, mas ajuda a construir um cenário que pode elucidar dúvidas ainda persistentes sobre o Evangelho. Vale ressaltar que o Evangelho de Marcos coloca, na maioria das vezes, o protagonista da história relatada como uma pessoa rude, áspera, sendo este protagonista Jesus (como já mencionado) ou sendo Pedro, Tiago ou João (como também já mencionado); ou seja, as personalidades atribuídas a Tiago e João, também são percebidas em Jesus. Isso pode caracterizar um recurso textual para ajudar os leitores do texto marcano a se protegerem de supostos perseguidores: dos Zelotes, se forem identificados enquanto romanos; dos romanos, se forem identificados enquanto cristãos.

Observando os argumentos sobre a dissolução familiar, o autor do Evangelho não se limitou às especificidades culturais do núcleo familiar nos contextos judaico e romano. ‘Marcos’, ao escrever o Evangelho em Roma, não deveria levar isso em consideração e explicar aos seus leitores o impacto da renúncia de Tiago e João? Afinal, os romanos tinham uma compreensão bastante diferente de parentesco e família em relação aos judeus.

⁶⁶ MALINA, B. J.; ROHRBAUGH, R. L. *Evangelhos Sinóticos: comentário à luz das ciências sociais*. São Paulo: Paulus, 2017. p. 408.



O autor do texto marcano não explica o conceito e o impacto decorrentes da escolha dos irmãos Boanerges, mas revela a trajetória desses dois personagens ao longo da missão de Jesus. ‘Marcos’ também destaca Pedro, atribuindo a ele um papel fundamental na construção do movimento religioso de Jesus, e frequentemente presente nos fatos envolvendo Tiago e João. Isto porque, no cenário onde a comunidade marcana está inserida, seria inevitável que o convertido deixasse sua família, ou núcleo familiar, ou comunidade, etc, para seguir o novo movimento religioso; portanto, os irmãos Boanerges, assim como Pedro, serviriam de modelos para estes leitores, demonstrando o comportamento e a personalidade esperados.

Outro ponto que contribui para uma compreensão mais profunda da comunidade marcana diz respeito à riqueza. Conforme está sendo exposto, Tiago e João têm uma atitude questionadora em relação à escolha que fizeram, esperando alguma recompensa, assim como Pedro (e André, mesmo que não seja mencionado em Mc 10,28-31). O interessante nessa análise é a classe social à qual esses personagens pertencem: os três (ou quatro, levando em conta André) vêm de famílias abastadas ou, pelo menos, com uma situação financeiramente confortável.

Margaret MacDonald argumenta que se sabe muito mais sobre famílias ricas no mundo antigo (incluindo o contexto do Novo Testamento) do que sobre famílias pobres. Comparando essas afirmações com as informações fornecidas no Evangelho de Marcos, fica claro que o autor do livro canônico demonstra bom conhecimento sobre Pedro (o que é compreensível, já que ele teria narrado a história para ‘Marcos’), Tiago e João, presentes em muitos momentos descritos na escrita marcana, mais do que sobre os outros apóstolos que compunham os 12 discípulos⁶⁷.

A comunidade marcana era supostamente composta por pessoas mais humildes – mas que estavam sob o controle de um *pater familias*⁶⁸ –, que, por seu intermédio, fazia com que as pregações de Pedro chegassem tanto às pessoas mais ricas, quanto a seus servos e escravos.

Nesse sentido, a passagem de Cornélio é emblemática (Atos 10,1-43)⁶⁹. Nessa perícópe, Pedro é convidado a falar na casa de um

⁶⁷ MACDONALD, M. Y. Kinship and family in the New Testament. In: NEUFELD, D.; DEMARIS, R. E. *Understanding the Social World of the New Testament*. Abingdon, England: Routledge, 2010. p. 29-43.

⁶⁸ MALINA; ROHRBAUGH, 2017, p. 475-479.

⁶⁹ NESTLE; NESTLE, 2012, p. 411-415.



centurião romano. Pedro sabe que é ilegal, mas, como Cornélio teme a Deus e ajuda o povo judeu, ele aceita o convite. A casa do centurião deve ter estado cheia, como MacDonald encontra em seus estudos sobre a família na antiguidade: todos os que estavam sob a proteção legal do *pater familias* Cornélio estariam presentes na visita de Pedro. Assim, a comunidade dos ouvintes de Pedro deveria ser composta por pessoas de diferentes classes sociais e origens; a comunidade marcana, por sua vez, deveria ser composta principalmente por pessoas pobres e uma minoria de pessoas ricas, exercendo o papel de patronos da missão marcana⁷⁰.

Destaca-se as palavras de Pedro em Atos 10,37-43, com um resumo estrutural da escrita do Evangelho de Marcos. Esse trecho pode reforçar a ideia de que ‘Marcos’ acompanhou Pedro, registrando suas palavras em algum momento após sua morte. Também reforça a tendência cultural latina da comunidade marcana, uma vez que o discurso de Pedro foi dirigido aos romanos (embora Cornélio estivesse na Samaria), o que poderia levar o autor do livro marcana a direcionar suas escritas e narrativas para as pessoas desse grupo cultural.

Assim, pode-se concluir que, como Elaine Pagels destaca, o Evangelho de Marcos está inserido em um contexto de conflitos⁷¹. Implícita, ou explicitamente, voluntária, ou involuntariamente, o autor de texto canônico retrata seus principais personagens com personalidades fortes, céticas, rudes e ásperas, quando confrontados; tem como linha guia a privacidade e silêncio. Estas são características que inferem e retrocedem ao cenário bélico que estavam inseridos aqueles que acompanhavam a comunidade marcana e tinham acesso ao texto redigido por ‘Marcos’.

Por fim, Boanerges pode ajudar a entender alguns pontos da comunidade marcana como fios condutores: por si só, eles não encerram as questões sobre o Evangelho de Marcos, mas são fios guias que podem ser explorados por meio de outras análises e disciplinas.

Conclusão

Ao responder às questões que guiaram este trabalho, analisando a comunidade marcana, seguindo o esboço metodológico de Roma como local de escrita, com base nas palavras de Simão e Pedro, e focando

⁷⁰ MACDONALD, 2010, p. 31-33.

⁷¹ PAGELS, 1996, p. 23-60.



nos objetivos propostos pela investigação, pode-se dizer que os estudos indicam:

O apelido Boanerges pode ter sido colocado no Evangelho como uma forma de atribuir autenticidade ao texto marcano, uma vez que foi escrito à luz das palavras de alguém que acompanhou Jesus desde o início de seu ministério e esteve presente na escolha de todos os discípulos. Como Meier (2003) já apontou, essa história de Pedro deve ter circulado nas primeiras comunidades cristãs.

Evitar algum tipo de choque cultural devido a diferenças sociopolíticas. Nesse caso, ‘Marcos’ estaria preocupado em não levantar dúvidas sobre a messianidade de Jesus e as renúncias importantes que seriam exigidas daqueles que decidissem seguir os passos do Messias. No entanto, devido à particularidade cultural da Palestina, a explicação de certas características culturais (como as especificidades do núcleo familiar judaico) não acrescentaria à construção de uma identidade cristã multicultural.

No entanto, relacionar Boanerges a uma concepção de tradução helênica, permitindo relações de entendimento com a religião em vigor em Roma ou nos territórios helênicos, seria pertinente para facilitar a recepção do texto marcano em uma comunidade não habituada às tradições judaicas e com uma forte influência da cultura romana.

Além disso, o ceticismo, a impetuosidade e aspereza dos protagonistas, são aspectos reforçados no texto a fim de promover um fortalecimento da comunidade marcana. Assim, é importante conduzir as mesmas correlações entre Mc 3,17 e outros cenários de escrita, a fim de verificar informações relevantes para pesquisas destinadas ao Livro de Marcos e sua comunidade.

Em resumo, procuramos analisar o trecho de Mc 3,17, o contexto antropológico, social e realizar a exegese necessária de forma simples, guiados pela navalha de Occam (tendo em mente a metodologia cartesiana): iniciar os processos de investigação pelo simples, assumir que as respostas mais simples geralmente são as mais corretas. Essa linha de raciocínio pode permitir lacunas nas investigações bíblicas, no entanto, contribuiu significativamente para o desenvolvimento de um olhar mais secular, imparcial, histórico e antropológico sobre o texto marcano.



Referências

ACHTEMEIER, P. J. *Invitation to Mark: a commentary on the Gospel of Mark with complete text from the Jerusalem Bible*. New York: Image Book, 1978.

ACHTEMEIER, P. J. *Mark: proclamation commentaries*. Philadelphia: Fortress Press, 1986.

ANGLADA, P. R. B. *Manuscritologia do Novo Testamento: história, correntes textuais e o final do Evangelho de Marcos*. Ananindeua: Knox Publicações, 2014.

ASLAN, R. *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

AZEVEDO, W. O. D. *Comunidade e Missão no Evangelho de Marcos*. São Paulo: Loyola, 2002.

BATTEN, A. Brokerage: Jesus as social entrepreneur. In: NEUFELD, D.; DEMARIS, R. E. *Understanding the Social World of the New Testament*. Abingdon, England.: Routledge, 2010. p. 167-177.

BÍBLIA de Jerusalém. 1. ed; 12. reimpressão. ed. São Paulo: Paulus, 2017.

BOANERGES meaning. Abarim Publications, 2014. Disponível em: <https://www.abarim-publications.com/Meaning/Boanerges.html>. Acesso em: 12 mar. 2022.

BOND, H. K. *The Historical Jesus*. New York, United States: T&T Clark, 2012.

CESAREIA, E. D. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.

CULPEPPER, A. R. *John: the son of Zebedee, the life of a legend*. Minneapolis: August Fortress Publishing, 2000.

EDWARDS, J. R. *O Comentário de Marcos*. São Paulo: Shedd Publicações, 2018.

FIENSY, D. A. Ancient economy and the New Testament. In: NEUFELD, D.; DEMARIS, R. E. *Understanding the Social World of the New Testament*. Abingdon, England: Routledge, 2010. p. 194-206.

GEERTZ, C. *Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.



GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

HORSLEY, R. A. *Arqueologia, História e Sociedade na Galileia: o contexto social de Jesus e dos rabis*. São Paulo: Paulus, 2000.

IERSEL, B. M. F. V. *Mark: a reader-response commentary*. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 1998.

MACDONALD, M. Y. Kinship and family in the New Testament. In: NEUFELD, D.; DEMARIS, R. E. *Understanding the Social World of the New Testament*. Abingdon, England: Routledge, 2010. p. 29-43.

MALBON, E. A. *Mark's Jesus: characterization as narrative Christology*. Waco, Texas: Baylor University Press, 2014.

MALINA, B. J.; ROHRBAUGH, R. L. *Evangelhos Sinóticos: comentário à luz das ciências sociais*. São Paulo: Paulus, 2017.

MEIER, J. P. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus Histórico*. Volume 1. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MEIER, J. P. *Um Judeu Marginal: repensando o Jesus histórico*. Volume 3, Livro 1. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

MURAOKA, T. *A Greek-English Lexicon of the Septuagint*. Louvain, Paris: Peeters, 2009.

MYERS, C. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

NESTLE, E.; NESTLE, E. *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil; Deutsche Bibel Gesellschaft, 2012.

PAGELS, Elaine. *As Origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

ROSKAM, H. N. *The purpose of the Gospel of Mark in its historical and social context*. Boston: Brill Leiden, 2004.

VAAGE, L. E. Que o leitor tenha cuidado! O Evangelho de Marcos e os cristianismos originários da Síria-Palestina. In: *Ribla*, Petrópolis, Rio de Janeiro, n. 29, p. 11-31, 1998/1.

VALVA, A.; ECCO, C. Hesitações e convicções na espiritualidade de Pedro: aproximações histórico-antropológicas sobre as passagens de Mt



14,22-33 e Mc 9,2-8. In: FILHO, J. R. F. M.; ECCO, C. *Espiritualidades: múltiplos olhares*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022. p. 47-69.

WALLACE, D. B. Crítica textual e o critério de constrangimento. In: BOCK, D. L. *O Jesus histórico: critérios e contextos no estudo das origens cristãs*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. p. 103-140.

ZILLES, U. *Profetas, apóstolos e evangelistas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1992.